

Empreendedorismo, protagonismo e autogestão: discursos sobre o trabalho em livros didáticos do Novo Ensino Médio

Élida Karla Alves de Brito e Francisco
Vieira da Silva

Élida Karla Alves de Brito

Universidade Rural do Semi-Árido – Caraúbas, RN,
Brasil

E-mail: elida.brito17@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1797-2792>

Francisco Vieira da Silva

Universidade Rural do Semi-Árido – Caraúbas, RN,
Brasil

E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>

Resumo: O estudo analisa discursos sobre o trabalho em livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Novo Ensino Médio (NEM). O foco consiste em observar como esses discursos se articulam aos ditames da racionalidade neoliberal, na medida em que exploram questões como empreendedorismo, protagonismo e autogestão. A análise se detém em enunciados extraídos de dois livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) de 2021. Os resultados apontam para uma estreita ligação entre a produção discursiva sobre o trabalho nos livros examinados e as demandas mercadológicas, permitindo identificar o funcionamento de relações de poder que produzem condutas em consonância com os desígnios neoliberais.

Palavras-chave: Discurso; empreendedorismo; protagonismo; autogestão; Novo Ensino Médio.

Entrepreneurship, protagonism, and self-management: discourses on work in New High School textbooks

Abstract: This study analyzes discourses on work in Humanities and Applied Social Sciences textbooks produced for the New High School. The focus lies in observing how these discourses articulate with the dictates of neoliberal rationality, as they explore themes such as entrepreneurship, protagonism, and self-management. The analysis draws on statements extracted from two textbooks approved by the 2021 National Textbook and Teaching Material Program (PNLD). The results indicate a strong connection between the discursive production on work in the textbooks examined and market-oriented demands, allowing for the identification of power relations that operate to produce behaviors aligned with neoliberal designs.

Keywords: Discourse; entrepreneurship; protagonism; self-management; New High School.

Emprendimiento, protagonismo y autogestión: discursos sobre el trabajo en los manuales de la Nueva Enseñanza Secundaria

Resumen: El estudio analiza los discursos sobre el trabajo presentes en los libros de texto de Humanidades y Ciencias Sociales Aplicadas elaborados para la Nueva Enseñanza Secundaria. El objetivo es observar cómo estos discursos se articulan con los dictados de la racionalidad neoliberal, en la medida en que abordan temas como el emprendimiento, el protagonismo y la autogestión. El análisis se basa en enunciados extraídos de dos manuales aprobados por el Programa Nacional del Libro y del Material Didáctico (PNLD) de 2021. Los resultados señalan una estrecha relación entre la producción discursiva sobre el trabajo en los manuales examinados y las demandas orientadas al mercado, lo que permite identificar el funcionamiento de relaciones de poder que producen comportamientos acordes con los diseños neoliberales.

Palabras clave: Discurso; emprendimiento; protagonismo; autogestión; Nueva Enseñanza Secundaria.

Introdução

As recentes políticas curriculares implementadas no Ensino Médio pelo governo brasileiro, especialmente no contexto da Reforma do Novo Ensino Médio (NEM), instituída pela Lei n. 13.415/2017 (Brasil, 2017), têm promovido mudanças significativas nessa etapa da Educação Básica. A reforma alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, Lei n. 9.394/96) e levou à criação e aprovação da Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio (BNCC-EM), em 2018. A BNCC-EM serve como o principal referencial para a organização curricular, estabelecendo as aprendizagens consideradas fundamentais para a formação dos estudantes e promovendo uma reestruturação nos processos educativos do país.

As proposições da BNCC evidenciam uma urgência para o desenvolvimento de um currículo alinhado às demandas do setor produtivo do século XXI (Brasil, 2018) e o que se busca é preparar os jovens para a inserção no mercado de trabalho. Partindo desse princípio, Lopes, Bortolo e Almeida (2016) observam que a questão da adequação do currículo da Educação Básica brasileira às exigências do mundo do trabalho não é recente. A ênfase na preparação para o trabalho no Ensino Médio não surge apenas com a LDBEN, mas é resultado de um processo histórico mais amplo, já presente em legislações anteriores, como as Leis n. 4.024/1961 e n. 5.692/1971. A partir da LDBEN, contudo, delineou-se um conjunto de reformas que buscavam reestruturar o Ensino Médio, consolidando a articulação entre formação geral e preparação para o mundo do trabalho. Nesse contexto, a conexão entre ensino e educação para o trabalho no nível Médio de escolaridade já parecia ser guiada pela racionalidade neoliberal, cujo princípio central consiste em reduzir a responsabilidade do Estado em relação aos gastos com os cidadãos, transferindo a responsabilidade para os próprios indivíduos (Dardot; Laval, 2016).

Sob esse prisma, Dardot e Laval (2016) argumentam que a racionalidade neoliberal vai além das questões econômicas e de mercado, pois permeia a sociedade como um todo, construindo subjetividades e promovendo práticas de governamentalidade. Entendemos por governamentalidade o conjunto de racionalidades e técnicas que transformam a maneira como o poder opera, deslocando-se do modelo disciplinar para formas mais sutis de condução da vida, como o biopoder. Nesse cenário, consideramos que o novo currículo do Ensino Médio utiliza estratégias sutis de controle, ao promover um discurso de flexibilidade curricular, segundo o qual os jovens podem delinear seu projeto de vida e escolher as áreas do conhecimento em que desejam se aprofundar, de acordo com a profissão que almejam. Essa aparente flexibilidade está diretamente vinculada ao princípio da autogestão, reforçando a ideia de que cada estudante deve se responsabilizar por sua própria trajetória educacional e profissional.

Essa lógica encontra expressão também nos materiais didáticos. A presença da temática do trabalho, portanto, não deve ser entendida unicamente como cumprimento de uma exigência técnica do Edital de Convocação 03/2019 do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), mas como parte de um movimento mais amplo de reconfiguração curricular em consonância com a BNCC e com as diretrizes do Novo Ensino Médio. Nesse processo, o edital direcionou a seleção de coleções didáticas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas voltadas a esse tema, reafirmando a centralidade do trabalho na formação discente. Partindo desse contexto, o objetivo do estudo consiste em analisar como tais reformas

se articulam com interesses de mercado, uma vez que organizações não governamentais vinculadas a grandes conglomerados econômicos desempenharam papel ativo tanto na formulação desses materiais quanto na implementação da reforma do NEM.

No presente estudo, analisamos discursos sobre o trabalho em livros didáticos, buscando investigar a relação com os ditames neoliberais, na medida em que tais materiais didáticos exploram questões como o protagonismo, o empreendedorismo e a autogestão. Para isso, examinamos os materiais didáticos alinhados ao NEM e à BNCC, com ênfase nas coleções didáticas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas aprovadas no âmbito do PNLD de 2021. A seleção priorizou obras que abordavam de forma central a temática do trabalho, possibilitando identificar discursos ligados à racionalidade neoliberal. Assim, foram escolhidos os volumes das seguintes coleções: a) “Prisma” – mundo do trabalho, indivíduo e sociedade, de autoria de Ângela Rama et al, editora FTD; b) “Multiverso” – trabalho, tecnologia e desigualdade, de autoria de Alfredo Boulos Junior, Edilson Adão Cândido da Silva e Laercio Furquim Jr, editora FTD.

Não podemos deixar de salientar que, de acordo com a LDBEN, a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, p. 1).

Todavia, o conceito de aprendizagem, na perspectiva neoliberal, destaca a flexibilidade, a continuidade e a individualização do sujeito trabalhador, reforçando a necessidade de adaptação e reinvenção para manter a empregabilidade. Goulart e Cássio (2021) observam que as reformas educacionais ampliam essa lógica, preparando os indivíduos para um mercado de trabalho instável. Lopes, Bortolo e Almeida (2016) afirmam que essas reformas seguem o modelo neoliberal, formando profissionais flexíveis, autogeridos, os empreendedores de si. Essa concepção é articulada também ao discurso das competências socioemocionais e à ideia de projeto de vida, ambos recorrentes nos materiais didáticos atuais.

Essa abordagem faz-se presente em materiais didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do PNLD 2021, ao tratarem de temas como autoconhecimento, planejamento, empreendedorismo, protagonismo e competências socioemocionais.

A partir dessas observações, surgem as seguintes questões a serem problematizadas: De que modo os livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, utilizados no Novo Ensino Médio, articulam o trabalho à racionalidade neoliberal, especialmente no que se refere à formação empreendedora, ao protagonismo e à autogestão? Como essas narrativas podem incentivar a formação de condutas atreladas à racionalidade neoliberal, moldando a identidade dos estudantes, conforme as demandas do mercado de trabalho contemporâneo?

No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, visto que a análise do objeto de estudo ocorre sem levar em conta dados quantitativos (Prodanov; Freitas, 2018). Das múltiplas possibilidades da pesquisa qualitativa, adotamos como procedimento de análise uma perspectiva descritivo-interpretativa (Bogdan; Biklen, 2010). No processo de descrição e interpretação de *corpus*, mobiliza-se o método arqueogenealógico foucaultiano que consiste em analisar o

discurso como um acontecimento no interior dos jogos de poder e saber (Navarro, 2020). Justificamos a articulação entre arqueologia e genealogia porque nos permite observar, de um lado, as condições de emergência dos discursos (arqueologia) e, de outro, seus efeitos de poder e estratégias de governamentalidade (genealogia).

Quanto à estrutura do artigo, o trabalho está organizado em cinco seções, incluindo a presente introdução. Assim, a seguir, apresenta-se uma seção teórica dedicada à discussão dos conceitos de discurso, de relações de poder, de governamentalidade e do neoliberalismo sob a perspectiva de Michel Foucault. A terceira seção aborda os aspectos metodológicos adotados. Na quarta seção, tem-se a análise das regularidades discursivas sobre o trabalho presentes nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Por fim, a última seção contempla as considerações finais, com as conclusões do estudo.

Breves reflexões sobre discurso, poder, neoliberalismo e impactos no campo educativo

Na teoria foucaultiana, o poder não é algo que se possui e a qualquer momento pode ser concedido para um governante, por exemplo, mas emerge como uma relação de forças, uma relação entre indivíduos. Tal compreensão aponta, ainda, que os sujeitos estão envolvidos por uma teia de relações de poder e, por isso, não podem ser considerados distantes ou alheios a essas relações.

As relações de poder “supõem condições históricas de emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos” (Revel, 2005, p. 67), que atuam nas práticas, na produção de saberes, nos efeitos de verdades produzidos e aceitos de tempos em tempos. Daí, a necessidade, conforme Foucault (2004a, p. 28), de se observar, nos discursos, a força motriz que contribui para a sua irrupção e analisar que acontecimentos favoreceram seu aparecimento. Isso implica pensar sobre “a dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros”.

Pensando em conformidade com as reflexões foucaultianas, concebemos os discursos como mecanismos atravessados por relações de poder. Assim, Foucault (2014, p. 9-10) mostra que “por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem relevam logo, sua ligação com o desejo e com o poder”. Ainda nesse sentido, Foucault (2014, p. 8-9) aponta que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

É imperativo pontuar que examinar o poder pelo prisma das relações de poder implica dotá-lo de um novo sentido e de uma finalidade que não é apenas de reprimir ou silenciar, mas de produzir: efeitos de verdade, subjetividades, lutas (Revel, 2005). Foucault (2004b, p. 100) chama a atenção para “os efeitos de verdade que este poder produz”, visto que toda sociedade, de modo geral, está firmada em relações de poder que são múltiplas e se estabelecem a partir da produção e circulação do discurso.

Nesse sentido, o exercício do poder relaciona-se com os discursos e com os regimes de verdade deles advindo, que são difundidos na sociedade. Assim, o poder submete o sujeito à produção da verdade

ao passo que é o agenciamento da verdade que possibilita também o exercício do poder (Foucault, 2004b). É nessa perspectiva que Foucault (2004b) advoga que aquilo que é revelado ou acobertado na materialidade discursiva atravessa as mais diversas camadas sociais e produz efeitos de verdade que apontam para o modo como o poder produz maneiras eficazes de se instalar no corpo social.

A partir dessa compreensão, cabe destacar o conceito foucaultiano de governamentalidade, entendido como a racionalidade política que organiza modos de conduzir condutas. Em seus cursos no Collège de France, Foucault (2008a) explicita que governar não se restringe ao exercício do Estado, mas envolve técnicas e estratégias para guiar as condutas de indivíduos e populações, integrando práticas disciplinares e biopolíticas. Nesse sentido, a governamentalidade representa uma transformação nas relações de poder, que passam a operar menos pela coerção direta e mais pela constituição de sujeitos autônomos, responsáveis por regular a si mesmos segundo princípios de eficiência, produtividade e autocontrole.

No campo metodológico, é também necessário esclarecer o recurso ao método arqueogenealógico. Se a arqueologia busca descrever as condições de emergência dos discursos, revelando as regras de formação que os tornam possíveis, a genealogia analisa os efeitos de poder que esses discursos produzem, ao se entrelaçarem a práticas sociais, políticas e institucionais (Foucault, 2004a; 2004b). A junção entre ambos os métodos, portanto, justifica-se neste estudo porque possibilita, ao mesmo tempo, identificar as regularidades discursivas que emergem nos materiais didáticos e compreender como essas regularidades funcionam como mecanismos de governamentalidade, produzindo subjetividades alinhadas à racionalidade neoliberal.

Com base na concepção de poder proposta por Foucault, buscamos entender a sua articulação com os conceitos expostos no curso “Nascimento da Biopolítica”, onde o autor enfatiza que o liberalismo e sua evolução para o neoliberalismo são fundamentais para a constituição da biopolítica.

O liberalismo, mais que uma teoria econômica, é uma visão política que defende a liberdade como um direito natural, mas também impõe a autolimitação do Estado, subordinando-o às dinâmicas de mercado e impondo limites ao seu poder (Dardot; Laval, 2016). Segundo Foucault (2008b), o neoliberalismo aprofunda-se nas técnicas de governamentalidade, moldando sujeitos tanto fisicamente quanto psicologicamente. Cria-se uma “psicopolítica” que utiliza competências como competitividade para adaptar o indivíduo à lógica empresarial, transformando-o em um “empresário de si mesmo”. Essa racionalidade afeta todas as esferas da sociedade, reduzindo os direitos sociais, como a educação, que passa a ser vista como uma mercadoria, funcionando de acordo com as demandas do mercado (Dardot; Laval, 2016; Marrach, 1996).

Segundo Marrach (1996), o neoliberalismo vê a escola ideal como uma entidade que precisa ser gerenciada de forma eficiente para competir no mercado. Nessa visão, o aluno torna-se um consumidor da educação, e o professor, um funcionário treinado para preparar os alunos para o mercado de trabalho e realizar pesquisas de aplicação imediata. Dessa medida, as reformas educacionais estabelecem uma ordem escolar para atender às exigências empresariais.

Para Laval (2019, p. 17), esse novo cenário educacional conecta o ensino a uma perspectiva de lógica gerencial, de pedagogias do individualismo, da competitividade, que estão atreladas às transformações econômicas que emolduram a escola a um conceito de escola neoliberal “que considera a educação como um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico”. Assim, o neoliberalismo, ao promover a liberdade, emoldura estratégias de controle que buscam garantir a conformidade dos sujeitos aos princípios do mercado.

Nesse esteio, a reforma do Novo Ensino Médio (NEM) foi criada com o objetivo de aumentar o interesse dos alunos e combater a evasão escolar, oferecendo um currículo diversificado e alinhado às demandas da sociedade e do mercado de trabalho (Borges; Araújo, 2024). Com uma proposta de formação integral, o NEM visa proporcionar aos jovens a reflexão e o planejamento de sua trajetória profissional.

A discussão sobre a presença do trabalho nas diretrizes educacionais brasileiras é recorrente, especialmente considerando que a educação, conforme estabelecido na LDBEN, tem como finalidade “o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, p. 1). Esse princípio orienta a etapa final da educação básica, o Ensino Médio, e pode ser entendido como um fator determinante na formulação da concepção de “trabalho como um princípio educativo”, o que, por sua vez, acaba subordinando a educação às demandas do mundo do trabalho (Moehlecke, 2012, p. 39).

Segundo a BNCC, o Ensino Médio deve contribuir para o desenvolvimento do autoconhecimento e da compreensão do mundo pelos jovens, ajudando-os a fazer escolhas acadêmicas e profissionais alinhadas às suas afinidades (Brasil, 2018). Dessa forma, os estudantes assumem um papel ativo em seu processo educativo, equilibrando suas aspirações pessoais e profissionais.

As reflexões de Silva e Estormovski (2023) apontam que o alinhamento entre vida pessoal e profissional é um reflexo direto da teoria do capital humano, que torna a relação entre indivíduo e trabalho indissociável. Esse direcionamento engendra as subjetividades dos jovens do NEM, especialmente por meio da incorporação de conceitos como protagonismo juvenil, empreendedorismo e competências socioemocionais. Esses elementos evidenciam os “avanços da neoliberalização da educação no Brasil desde o final da década de 1990” (Silva; Estormovski, 2023, p. 4).

Dardot e Laval (2016) argumentam que o capitalismo promove a liberdade individual, mas essa liberdade é acompanhada pela constante obrigação de escolher e acumular capital humano, exigindo do indivíduo um comportamento ativo, empreendedor e protagonista. Essa lógica é refletida no NEM, principalmente nas diretrizes do Projeto de Vida, que incentivam os jovens a desenvolver competências e a valorizar o protagonismo em suas trajetórias, reforçando o ideal do “homem da empresa”, que está sempre se transformando e aprimorando suas capacidades para maximizar seu capital humano (Silva; Estormovski, 2023).

Apple (2013, p. 49) alerta que é equivocado considerar o currículo como algo neutro, utilizado apenas para a transmissão de conhecimento. Pelo contrário, o currículo está imbuído de implicações que ultrapassam as questões educacionais e se manifestam como relações de poder, sendo “intrinsecamente

ideológico e político”. Não é por acaso que o universo empresarial demonstrado interesse cada vez maior em reformular o trabalhador com base em competências e habilidades, como a inteligência emocional, com o objetivo de alcançar melhor desempenho e produtividade (Han, 2018). Assim, o ideal de otimização do trabalhador e o pressuposto de que o profissional mais qualificado deve ser competitivo, estando sempre em constante atualização de suas habilidades para ampliar seu capital humano, configuram mecanismos refinados de exploração, resultantes de uma “psicopolítica neoliberal” (Han, 2018, p. 45).

Análise dos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do NEM

A presente análise busca investigar como os livros didáticos do NEM abordam questões relacionadas ao empreendedorismo, protagonismo e autogestão, conceitos fortemente vinculados à racionalidade neoliberal. A partir de uma leitura discursiva, examinamos como esses elementos são apresentados como soluções para os problemas sociais e econômicos, muitas vezes deixando de considerar as desigualdades estruturais e a necessidade de uma abordagem coletiva.

Em vista disso, as análises ocorrem a partir de enunciados que corroboram a formação de regularidades discursivas acerca da relação trabalho, neoliberalismo e NEM. A emergência de posicionamentos discursivos alinhados ao regime neoliberal referentes ao trabalho no NEM apresentam algumas regularidades que direcionam o nosso olhar em relação ao corpus desta pesquisa. Com frequência, deparamo-nos com enunciados que referenciam as relações dos sujeitos jovens, mais especificamente aqueles que estão no NEM, e sua preparação e inserção no mundo do trabalho.

Assim sendo, as discussões tecidas englobam uma série de regularidades observadas concernentes ao mundo do trabalho na atualidade, como o imperativo da aquisição de competências e habilidades; a urgência na elaboração de um projeto de vida, levando o jovem a focar no futuro em detrimento do presente; a responsabilização do sujeito e o apagamento da função seguradora do Estado, entendido apenas como mediador das relações, mas que age em favor do capital; as noções de trabalho e empreendedorismo como indutoras da concorrência e a competitividade; as mudanças que permeiam o mundo do trabalho e gera a informalidade, flexibilidade e a precarização, sobretudo, com as atualizações reformistas no Brasil, dentre outras. São essas heterogeneidades que fazem emergir discursos relacionados à racionalidade neoliberal no NEM.

Esta seção está organizada em dois subtópicos correspondentes à análise das regularidades discursivas supracitadas. Os subtópicos foram dispostos de acordo com a ordem de apresentação dos temas nas coleções já mencionadas. Inicialmente, consideramos as séries enunciativas direcionadas a discutir como o empreendedorismo é configurado como uma resposta individualizada para as dificuldades sociais, que enfatiza a iniciativa pessoal e o sucesso individual; e, em seguida, voltamo-nos para produções discursivas acerca dos conceitos de protagonismo e autogestão, que colocam a responsabilidade pelo futuro nas mãos dos jovens, desconsiderando fatores externos, como a falta de recursos e as políticas públicas.

A construção do empreendedorismo como modelo de sucesso individual

Publicada em 1859, a renomada obra de Darwin “A origem das espécies” propõe a seleção natural como o princípio responsável pela transformação das espécies. A seleção natural seria a força que torna as populações mais adaptadas e integradas aos seus ambientes. A partir dessa ideia, Spencer, em “Princípios da biologia” (1864), enfatiza que, na luta pela sobrevivência, “somente os indivíduos mais aptos sobrevivem”, conceito que foi posteriormente incorporado por Darwin (Dardot; Laval, 2016). Ambos os pesquisadores apresentam uma convergência teórica, mas parece que “Spencer utiliza a teoria darwiniana para traçar um paralelo entre a evolução econômica e a evolução das espécies em geral” (Dardot; Laval, 2016, p. 51).

As ideias de Spencer desempenharam um papel central no surgimento do chamado “Darwinismo Social”. O núcleo dessa teoria repousa na noção de que a sociedade, assim como as espécies animais, evolui e se mantém funcional por meio da “competição”. Nesse processo, os mais fracos e menos adaptados devem ser eliminados. Essa analogia chega ao mercado de trabalho por meio da “assimilação da concorrência econômica a uma luta vital geral” (Dardot; Laval, 2016, p. 52), em que o modelo da divisão do trabalho se torna o da competição, do confronto e da luta pela sobrevivência.

Assim, surge um modelo no qual o aperfeiçoamento, a adaptação e a competição são constitutivos. Contudo, ao contrário dos confrontos naturais, no mercado de trabalho, essa lógica vem acompanhada de algumas ressalvas, pois “nada garante que aquele que participa da grande luta da seleção natural irá sobreviver, apesar de seus esforços, de sua boa vontade, de suas capacidades. Os menos aptos, os mais fracos, serão eliminados por aqueles que são mais adaptados, mais fortes na luta” (Dardot; Laval, 2016, p. 52).

Essa perspectiva que se esquematiza pode ser entendida como uma genealogia do neoliberalismo (Ungari; Cól, 2023), sobretudo do neoliberalismo americano, da Escola de Chicago, que visou introduzir a racionalidade do mercado, seus sistemas e critérios a todos os setores e não somente a questões ligadas a economia. No neoliberalismo, a “empresa” é o enformador da sociedade. Por isso, o seu referencial é “o homo oeconomicus”, que é o empresário de si mesmo, o seu próprio capital e é, para si mesmo, produtor e fonte de sua própria renda (Foucault, 2008a). Esse homem da empresa é obstinado, resiliente, maleável, adaptável; ele escolhe suas metas e objetivos e pretende realizá-los a todo custo; “em toda economia real e viva, todo ator é sempre empreendedor” (Dardot; Laval, 2016, p. 142).

Por se instaurar em todo corpo social, a educação também está incluída no escopo da governamentalidade neoliberal, principalmente, quando se trata da aquisição das habilidades necessárias para a preparação dos jovens para o mercado de trabalho. Segundo a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), além das habilidades básicas e técnicas, é indispensável, para obter e manter um emprego, habilidades transferíveis que incluem “analisar problemas e chegar a soluções apropriadas, comunicar ideias e informações de forma efetiva, ser criativo, mostrar liderança e consciência, além de demonstrar um espírito empreendedor” (Unesco, 2016, p. 44). Conforme essa organização, os jovens precisam despertar essas aptidões, visto que irão “assegurar que os indivíduos

sejam mais resilientes e possam desenvolver e aplicar competências adaptativas a carreiras de forma mais efetiva” (Unesco, 2016, p. 64).

Segundo Manfré (2023, p. 2), o ambiente escolar, por ser um espaço privilegiado na formação dos jovens, precisou se adaptar às demandas vigentes do mercado e incorporar aos seus objetivos o desenvolvimento de competências e habilidades específicas, tais como: “desempenho, empreendedorismo, competitividade, protagonismo”. A esse respeito, consideramos que a lógica neoliberal do empreendedorismo tem encontrado caminhos para adentrar nas políticas educacionais de diversas maneiras. Para Silva, Brunet e Moura (2023), a inserção do empreendedorismo no cenário educacional pode relacionar-se à presença de instituições ligadas a demandas think tanks (Enap, 2020) e à atuação de grandes grupos, como: “o Instituto Lemann, o Instituto Unibanco, Itaú Social, Porvir, Fundação Victor Civita, Ayrton Senna, dentre outras”, que participaram ativamente do processo de idealização, aprovação e implantação da REM (Silva; Moraes, 2022, p. 635).

Dessa forma, estabelece-se uma nova ordem escolar a partir das reformas educacionais, fortemente influenciada por exigências e demandas do setor empresarial. Conforme Laval (2019), esse novo contexto educacional orienta o ensino para uma perspectiva gerencial, centrada em pedagogias que valorizam o individualismo e a competitividade, alinhando-se às transformações econômicas que moldam a escola dentro de um conceito de educação neoliberal. Segundo Laval, a “escola neoliberal” é um modelo educacional que vê a educação como um bem essencialmente privado, cujo valor é, acima de tudo, econômico (Laval, 2019).

Em consonância com as necessidades do mercado, destacamos alguns recortes que servirão de base para entender como essas propostas podem ser identificadas nos livros didáticos, especialmente no debate sobre trabalho e empreendedorismo: “Será que quero mesmo fazer aquela faculdade com a qual tanto sonhei? Um curso técnico não seria mais condizente com a realidade do lugar onde moro, tornando mais fácil conseguir um emprego? E se eu virar empreendedor? Vou ser meu próprio patrão, folgar e viajar quando quiser” (Rama et al., 2020, p. 21).

Empreendedor é aquele que tem a iniciativa de colocar uma proposta, um projeto ou um plano em prática, por sua conta e risco. Isso vale tanto para quem busca desenvolver novos produtos, métodos de produção, processos ou tecnologia que resultam em inovações revolucionárias (como fizeram Bill Gates, Mark Zuckerberg e Henry Ford, por exemplo) quanto para quem, atento ao movimento na frente de uma escola ou do cinema, compra ou aluga um carrinho de pipoca caprichado. Lembrando sempre que [...] será necessário se atualizar com novos cursos e aprimorar as habilidades e competências (Rama et al., 2020, p. 23).

O primeiro recorte foi retirado de uma atividade com o tema “Formação técnica ou Universitária?” da coleção Prisma e aborda as dúvidas e questionamentos de um jovem prestes a concluir o Ensino Médio, sem saber se deve optar pela faculdade, por um curso técnico ou se tornar um empreendedor. Destaca-se, com ênfase, que escolher a última opção permitirá ao jovem “folgar e viajar quando quiser”, de modo a apontar as promessas da aventura empreendedora.

O segundo recorte trata do tema “Empreendedor” e apresenta informações que ajudam a construir o perfil do sujeito empreendedor, caracterizando-o como alguém com iniciativa, liderança e disposto a se arriscar por suas ideias. Observa-se ainda uma tentativa de apresentar essa área como abrangente e meritocrática, pois aqueles que se destacam e demonstram atitude inovadora e coragem para agir alcançarão o sucesso.

A atividade posiciona a figura do empreendedor a personalidades frequentemente associadas à ideia de sucesso econômico e inovação como Bill Gates¹, Mark Zuckerberg² e Henry Ford³, e incita uma noção de pretensa igualdade e meritocracia, sobretudo, ao pontuar que vendedores ambulantes, se tiverem perspicácia e visão, também poderão obter êxito, deixando a compreensão de que tudo é possível e só depende do projeto e dedicação de cada um. Observamos, ainda, que os discursos ventilados partem da necessidade de pontuar que o jovem precisa escolher uma profissão e, concomitante a essa escolha, buscar se aprimorar e desenvolver as habilidades requeridas por essa carreira.

Na coleção “Multiverso”, destaca-se que “empreender significa colocar em prática, realizar uma tarefa de difícil execução” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 108). Ou seja, trata-se de uma missão grandiosa, quase extraordinária, que exige um sujeito habilidoso, distinto dos demais e com um capital humano valorizado. Nesse contexto, o empreendedor, ou sujeito empresarial, é alguém cuja tarefa consiste em “identificar nos problemas oportunidades para desenvolver soluções inovadoras e criativas, que, ao mesmo tempo, gerem renda para o empreendedor e impactos positivos na vida das pessoas” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 108). Além disso, são destacados tipos de atividades empreendedoras, com ênfase naquelas relacionadas ao desenvolvimento de novos produtos, serviços, métodos de produção e mercados. Para reforçar essas informações, o livro didático inclui uma tabela com dados concernentes as atividades empreendedoras (Imagem 1).

Imagem 1: Printscreen do livro didático “Multiverso”
» **Brasil: distribuição percentual dos empreendedores iniciais e estabelecidos, segundo o setor da atividade econômica (2019)**

Setores	% de empreendedores	
	iniciais	estabelecidos
Setor extrativo	0,8	2,8
Indústria de transformação	22,9	35,8
Serviços orientados para o negócio	7,6	5,0
Serviços orientados para o consumidor	68,7	56,4
Total	100,0	100,0

Fonte: Boulos Júnior, Silva e Furquim (2020, p. 108).

¹ Bill Gates é um diretor executivo, investidor, filantropo e autor norte-americano, que ficou conhecido por ser cofundador da empresa de software Microsoft. É considerado um dos homens mais ricos do mundo, segundo a revista Forbes (Forbes, 2023).

² O norte-americano Mark Zuckerberg é fundador e CEO do Facebook, uma rede social que “revolucionou a forma como as pessoas se conectam na internet” (G4 Educação, 2025a).

³ Henry Ford foi um dos fundadores da Ford Motor Company e um dos grandes nomes da sociedade moderna por suas ideias inovadoras. Foi pioneiro no conceito de linha de montagem automatizada para a produção de automóveis (G4 Educação, 2025b).

De acordo com os dados dispostos na tabela (Imagem 1), o setor de serviços voltados ao consumidor apresenta o maior percentual de empreendedores, tanto em fase inicial quanto já estabelecidos. Esse setor abrange serviços no varejo, empresas de saúde, transporte, alimentos, bebidas, entre outros. A atividade ainda apresenta dados da pesquisa “Empreendedorismo no Brasil”, realizada em 2019 pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM). As informações indicam que, naquele ano, mais de 53 milhões de brasileiros estavam à frente de negócios próprios. Segundo a coleção didática, esse número representa cerca de 38% da população, o que significa que “2 em cada 5 brasileiros com idades entre 18 e 64 anos comandavam alguma atividade empresarial, sendo os jovens, entre 18 e 24 anos, os que mais iniciam empreendimentos” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 109).

A atividade pontua ainda sobre o empreendedorismo no Brasil, ao enfatizar que:

Alguns estudiosos das condições do trabalho apresentam críticas a situações de risco que o empreendedor pode enfrentar ao trocar o emprego formal pelo empreendedorismo. No entanto, confirma que [...] estudos indicam que no Brasil há um ambiente propício ao empreendedorismo graças a fatores como: capacidade empreendedora genuína dos brasileiros; força para superação de dificuldades e desafios; abertura de mercado a novos negócios e tecnologias; programas governamentais que promovem o empreendedorismo (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 109).

Pode-se observar, no enunciado, o funcionamento de estratégias de governamentalidade (Foucault, 2008a), quando o livro didático, por meio dessa discussão, busca incutir no jovem do Ensino Médio uma prática empreendedora voltada para a gestão de si. A referência a um certo saber, referido por meio de termos como “estudiosos” e “estudos”, confere legitimidade ao discurso sobre as múltiplas vantagens da atividade empreendedora. Assim, o livro didático contribui para que o jovem desenvolva práticas reflexivas sobre si (Foucault, 2017), com o objetivo de delinear uma conduta alinhada à racionalidade neoliberal.

Desse modo, o fenômeno do empreendedorismo é discursivizado nos livros didáticos como uma espécie de fórmula mágica, capaz de amenizar problemas históricos, como o desemprego e a informalidade nas relações trabalhistas, por meio de mecanismos como a criação do Microempreendedor Individual (MEI). Boulos Júnior, Silva e Furquim (2020, p. 38) descrevem o MEI como “uma modalidade de empresa individual na qual o trabalhador se registra e passa a contribuir com impostos e com a Previdência Social”.

A regulamentação do microempreendedor permite a realização de diversas atividades de prestação de serviços, como: “pedreiro, cabeleireiro, vendedor ambulante, dono de bar, verdureiro, artesão, editores de livros e revistas, instrutores de música, dubladores, tatuadores e muitos outros” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 38). A proposta é que, ao se formalizarem como MEI, esses trabalhadores possam acessar benefícios como salário-maternidade, auxílio-doença e aposentadoria.

Entre outras pautas, a criação do MEI também visa “impulsionar práticas empreendedoras entre os trabalhadores brasileiros” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 38). Cabe ressaltar que, conforme o material didático, as práticas empreendedoras devem ser estimuladas desde cedo entre os jovens e, a

esse respeito, a coleção se direciona às *start-ups*⁴, que são empresas de pequeno porte, geralmente criadas e lideradas por jovens: “Atualmente, tem crescido muito o número de *start-ups* no Brasil. [...] As *start ups* se tornaram um modelo de novos ambientes de trabalho, mais informais, com flexibilidade de horários, de vestimenta e com locais para relaxamento dos trabalhadores, emulando os ambientes das grandes empresas de tecnologia da informação” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 38).

Relacionado a esse enunciado, analisemos ainda a materialidade a seguir (Imagem 2), presente na coleção didática para ilustrar, no imaginário juvenil, como seria esses novos ambientes de trabalho em uma *start-up*.

Imagem 2: Printscreen do livro didático “Multiverso”



Fonte: Boulos Júnior, Silva e Furquim (2020, p. 38).

Ao apresentar a imagem de jovens reunidos, trabalhando em alguma ideia – possivelmente na criação de uma *start-up* –, o enunciado verbo-visual discursiviza a o empreendedorismo como uma prática associada à eficiência, sucesso e inovação. Essas atitudes remetem à imagem de jovens protagonistas, produtivos e que estão investindo no seu futuro. Tal visão pode reforçar, no imaginário juvenil, a ideia de que ser empreendedor é ser bem-sucedido, alguém que está realizando algo inovador e relevante, e que, no competitivo mundo dos negócios, conseguiu se destacar, ser protagonista e “vencer na vida”. Afinal, como enfatiza Gadelha (2015), um bom empreender significa ser um bom investidor em capital humano.

A análise dos enunciados desvela a ênfase no empreendedorismo como uma solução individualizada para os problemas sociais e econômicos, alinhada às aspirações neoliberais. Ao destacar a importância da iniciativa pessoal e do sucesso individual, os materiais didáticos incentivam os jovens a acreditarem que, por meio de esforço próprio, podem superar as adversidades e alcançar seus objetivos, desconsiderando, pois, as desigualdades estruturais e as limitações coletivas que afetam grande parte das juventudes brasileiras (Corti, 2019).

⁴ *Start-up* é um termo utilizado para designar uma empresa emergente. Geralmente, está sob o comando de jovens e é fundada a partir de ideias inovadoras, rentáveis e com condições de crescimento, mesmo que trabalhadas sob condições de incerteza. De modo geral, as características da *start-up* são a geração de grandes lucros e o baixo custo manutenção (Sebrae, 2019).

Como salientam Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo promove a ideia de que o sucesso depende unicamente da competência e esforço individual, ignorando as disparidades sociais e econômicas que modulam as oportunidades de cada indivíduo. Nesse contexto, o empreendedorismo é apresentado como uma prática que pode, por si só, solucionar questões como desemprego e informalidade, negligenciando a necessidade de políticas públicas ou uma ação coletiva que enfrente as causas profundas dessas problemáticas. Esse enfoque reforça a concepção de que, no neoliberalismo, a responsabilidade pelo sucesso e pelo fracasso recai exclusivamente sobre o indivíduo, desconsiderando o papel do Estado e das estruturas sociais no processo de construção de oportunidades igualitárias para todos.

“Agora é você quem decide o seu futuro”: protagonismo, autogestão e internalização da lógica neoliberal

O enunciado que abre esta subseção foi extraído de uma das campanhas publicitárias veiculadas em 2016 pelo então governo brasileiro, com o objetivo de promover a reforma do Ensino Médio e destacar seus pontos positivos. A propaganda enfatiza que o novo currículo do Ensino Médio baseia-se em conceitos de flexibilidade curricular e liberdade, proporcionando ao jovem a oportunidade de escolher seu futuro e definir seu projeto de vida. Além disso, destaca-se a autonomia para que o estudante selecione as áreas do conhecimento que deseja aprofundar, de acordo com a profissão que pretende seguir.

Tal compreensão, aliada ao discurso de jovem protagonista, conferem ao jovem a responsabilidade no desenvolvimento de suas potencialidades educacionais, assim como na gerência das inúmeras competências que a escola lhe fornecerá durante o percurso educacional. Ao conceber que o jovem protagonista deve administrar essas competências com a finalidade de aperfeiçoar sua inteligência emocional e desenvolver um comportamento empreendedor, problematiza-se estratégias de poder e de governo utilizada pelo neoliberalismo, ao associar o NEM à ideia central de ofertar uma formação para o mundo do trabalho, com o intento de oferecer um ensino público com baixo custo e com poucos investimentos.

Daí decorre a necessidade de enxugar o currículo e dispensar as disciplinas consideradas pouco úteis a esses interesses. Assim, ao focar na produção de uma mão de obra mais acessível, a lógica neoliberal insere nos documentos e materiais didáticos uma reflexão sobre o futuro profissional desses indivíduos, com ênfase na adaptação às exigências do mercado e na responsabilização pelo sucesso pessoal.

Nesse contexto, a coleção “Multiverso” explora, na abertura do primeiro capítulo, uma discussão a respeito da relação dos jovens e o mundo do trabalho hoje. Nesse tópico, o sujeito enunciador se empenha em mostrar que uma das maiores preocupações dos jovens na atualidade concerne ao futuro profissional, isto é, ao seu ingresso no mercado de trabalho (Imagem 3).

Imagem 3: *Printscreen* do livro didático “Multiverso”

Fonte: Boulos Júnior, Silva e Furquim (2020, p. 13).

Conforme a materialidade discursiva, o livro, além de apontar que “a vida profissional é o eixo central da vida adulta” (Boulos Júnior; Silva; Furquim; 2020, p. 13), busca mostrar que o jovem precisa pensar sobre a profissão que deseja ter e, desde então, traçar os meios para alcançar esse objetivo. Para evidenciar isso, a materialidade verbo-visual traz a figura de uma jovem pensativa, rodeada por imagens que remetem ao tempo de estudo, à formação, à escolha profissional, ao mundo do trabalho e das relações sociais (Imagem 3).

Aborda-se, ainda, significantes que reiteram a ideia de prestígio e sucesso do aluno protagonista, que é capaz de gerir todas as fases de sua formação e atingir seus objetivos por meio do planejamento. Nesse intento, para tentar auxiliar os jovens no esboço do seu projeto de vida, a imagem apresentada se associa aos questionamentos “O que eu gosto de fazer?”, “Que profissão seguir?”, “É possível conciliar satisfação pessoal com a vida profissional?” (Boulos Júnior; Silva; Furquim; 2020, p. 13). A coleção didática não oferece respostas para tais indagações ou mesmo uma visão mais ampla e crítica sobre as condições de possibilidade de realização desse projeto de vida profissional, deixando a cargo do discente respondê-las.

Nessa perspectiva, refletimos que, com as inovações no mercado de trabalho, a subjetividade juvenil também se torna alvo desse processo inovador que remete ao jovem uma mentalidade empresarial, de responsabilização e de gestão da vida. Os enunciados do livro didático convidam os jovens a pensarem uma formação e planejarem sua carreira profissional com vistas a atingirem um status de sucesso e, sobre esse aspecto, parece-nos pertinente questionar: esse sucesso esperado é para todos? Essas expectativas do mercado levam em consideração o alunado da escola pública e suas dificuldades?

Na coleção Prisma, as discussões a respeito de trabalho também partem do tema projeto de vida nos dois capítulos introdutórios, que abordam os seguintes temas: “Minhas escolhas” e “O mundo do trabalho”. A coleção didática inicia fazendo uma retomada acerca das mudanças ocorridas no mundo do trabalho ao longo dos anos, principalmente a partir do advento das tecnologias digitais. Essa discussão é empreendida por meio de um comparativo entre profissões consideradas do futuro e outras que

deixaram ou deixarão de existir: “Atualmente, chamamos de bibliotecário o profissional que separa, cataloga e organiza livros. Como boa parte do conhecimento produzido na atualidade é registrado em arquivos eletrônicos, uma pessoa mais apressada pode chegar à conclusão de que bibliotecário será uma profissão inexistente no futuro” (Rama et al., 2020, p. 13).

Os dizeres do enunciado que destacamos estão localizados no tópico “Minhas escolhas” e manifestam discursos que enfocam o momento de tomada de decisão do jovem que precisa escolher a profissão que deseja exercer com cautela, pois é possível que seja escolhida uma profissão que, no futuro, não esteja mais em vigor. Na coleção didática, nota-se também que há certa urgência para que cedo o jovem manifeste interesse pelo seu desenvolvimento profissional. Sobre essa questão, destacamos o enunciado verbo-visual a seguir, que põe em relevo a relação entre trabalho e projeto de vida sob o crivo da escolha profissional (Imagem 4).

Imagem 4: Printscreen do livro didático “Prisma”



Fonte: Rama et al. (2020, p. 14).

A materialidade discursiva remete ao momento da escolha profissional. É relevante observar que a posição de sujeito relaciona esse momento a emoções como apreensão, angústia e insegurança. A imagem da jovem cercada por interrogações, acompanhada dos dizeres “eu ainda não me sinto preparada para escolher nada” (Rama et al., 2020, p. 14), mimetiza as dificuldades desse momento.

Na materialidade, percebe-se, ainda, enunciados que recuperam a ideia de uma hierarquização das profissões. No comparativo entre carpinteiro e arquiteto, o que se tem é a expectativa de que há mais chances de emprego e melhores oportunidades para a carreira de arquiteto. Além disso, é possível recuperar conotações que relacionam o sucesso na escolha da profissão ao encontro da felicidade, à realização pessoal.

Flagra-se, no livro didático, a predominância de um discurso que sinaliza para a compreensão do jovem como aquele que é responsável por escolher o seu projeto de vida, tomando como premissa para o seu sucesso a escolha de sua profissão e o trabalho que irá exercer. Tal prática discursiva produz efeitos que silenciam as desigualdades e inscrevem nas mesmas condições a juventude como um todo.

Assim, não há espaço para as especificidades das condições familiares, econômicas e sociais, por exemplo. Ao propor que todos os jovens se encontram em pé de igualdade, independentemente das situações em que vivem, e ao responsabilizá-los pelo sucesso de seu projeto vida profissional, é possível ponderar que os discursos presentes na coleção didática se alinham aos interesses neoliberais, que acabam por normalizar a exploração e as desigualdades sociais.

Essa leitura dialoga com o que constata Silva e Gonçalves (2022) quando, ao analisarem a BNCC do EM, especialmente na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, apontam a ênfase excessiva na produção de um sujeito que estaria desvinculado de diferentes marcadores sociais, como gênero, classe, raça, entre outros, o que reitera a franca ligação com a norma neoliberal.

Além disso, se conjecturarmos junto a compreensão de Han (2018), veremos que a disseminação da ideia de liberdade é utilizada pelo regime neoliberal ao propagar a concepção de que o sujeito, “enquanto projeto que se esboça livremente, é capaz de uma produção ilimitada” (Han, 2018, p. 15). Dessa forma, a exaltação da liberdade é também uma nova forma de manter o indivíduo submisso ao sistema, visto que, ao acreditar que é totalmente livre para projetar o seu futuro e fazer escolhas para a sua formação, o sujeito jovem pode não questionar, por exemplo, que o seu poder de escolha no NEM é limitado a um cardápio de disciplinas que é previamente construído.

As manobras do neoliberalismo orientam as condutas de modo que as escolhas dos sujeitos estejam em concordância com suas prescrições. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 20), isso é possível pois “o neoliberalismo emprega técnicas de poder inéditas sobre as condutas e as subjetividades”, que se encaminham também para a nova compreensão de trabalho e de trabalhador empregada nesse regime que se desenvolve por meio do incentivo ao empreendedorismo, à concorrência, à flexibilização e à produção, colocando o sujeito como responsável pelo seu sucesso ou fracasso no mercado.

A respeito desse tema específico, as discussões ancoram-se em duas materialidades retiradas de atividades presentes nas coleções didáticas objeto de nossas análises, cujas reflexões alinham o currículo do NEM a uma tentativa de governo dos corpos dos jovens para a formação de futuros trabalhadores, ajustados aos interesses neoliberais, correspondendo, assim, a corpos dóceis e passíveis de exploração.

Imagem 5: Printscreen do livro didático “Multiverso”



Fonte: Boulos Júnior, Silva e Furquim (2020, p. 20).

A materialidade da imagem 6 inicia uma discussão sobre o tema desemprego e, nessa atividade, é possível verificar a presença de um discurso de matriz neoliberal, quando se endossa a ideia de que a razão para haver muitos jovens desempregados é “o longo período que os jovens ficam afastados do mercado de trabalho” (Boulos Júnior; Silva; Furquim; 2020, p. 20). Esse discurso ainda transfere para o jovem a responsabilização pela ausência de vagas para a sua inserção no mercado de trabalho e ainda questiona “O que você tem feito para que sua entrada no mercado de trabalho tenha êxito?” (Boulos Júnior; Silva; Furquim; 2020, p. 20).

Imagem 6: *Printscreen* do livro didático “Multiverso”

Qual é o perfil do profissional adequado ao mercado de trabalho atual?

Nas últimas décadas, muitos países ao redor do mundo passaram por crises econômicas, desaparecimento de várias profissões e o advento de outras, fechamento de postos de trabalho, queda de contratação com carteira assinada, inovações tecnológicas que substituíram trabalhadores, aumento do desemprego estrutural e da desigualdade. Um dos motivos dessa situação dramática é que o mercado de trabalho mudou e exige um novo perfil de profissional. O conhecimento das características desse novo profissional pode ajudar você a preparar-se para o mercado de trabalho.

Os estudiosos do assunto afirmam que para ingressar no mercado de trabalho a experiência é importante, mas não é suficiente. Há um consenso entre eles também quanto ao perfil de profissional exigido por um mercado em constante mudança. Conheça as características do profissional mais requisitado hoje pelas organizações:

- flexibilidade;
- capacidade de trabalhar em equipe;
- adaptação à inovação tecnológica;
- conhecimento da área que irá atuar;
- visão geral do negócio;
- adaptação a cenários imprevisíveis;
- reflexão sobre as novas formas de remuneração e recompensa;
- coragem de lançar-se a novos desafios e contextos;
- capacidade de trabalhar em rede e de forma colaborativa;
- disposição de somar seu conhecimento ao dos colegas;
- capacidade de estabelecer parcerias;
- investir em formação continuamente.

Dialogando

- Você trabalha bem em grupo? Ou você prefere fazer sozinho? Você tem trabalhado de forma colaborativa?

Atualmente, o bom trabalho em equipe é um dos atributos que as empresas buscam nos profissionais que contratam.



Fonte: Boulos Júnior, Silva e Furquim (2020, p. 21).

O imperativo que permeia o discurso dessa atividade é o de que o jovem precisa se adequar às proposições do mercado, pois é dele a tarefa de se atualizar e manter-se acima da concorrência, visto que “Se o indivíduo é o único responsável por seu destino, a sociedade não lhe deve nada; em compensação, ele deve mostrar constantemente seu valor para merecer as condições de sua existência” (Dardot; Laval, 2016, p. 213).

A ideia de que o indivíduo precisa provar o seu valor constantemente é ainda mais estimulada quando o sujeito que enuncia apresenta, na atividade, a imagem de vários jovens formando uma extensa fila à procura de emprego. Figura uma vontade de verdade que incide sobre a lógica da liberdade individual e da concorrência, utilizadas pelo neoliberalismo como um mecanismo de acentuação do seu

poderio. Foucault (2008a, p. 183-184) acrescenta que, no neoliberalismo, “cada um deverá ser para si mesmo e para a sua família, de certo modo, uma empresa”. Assim, uma sociedade que é formalizada no modo da empresa é também uma sociedade concorrencial.

De acordo com Han (2018, p. 13), “o capital se multiplica enquanto competimos livremente uns com os outros”. Nessa senda, a concorrência que aparece como impulso do regime neoliberal impregna nos sujeitos a necessidade de estar em constante estado de disputa e de produção, no qual se sobressai aquele que investir constantemente em sua formação, pois é o requisito fundamental para habilitar os sujeitos a fazerem parte do mercado e suas contínuas demandas. Como lembra Gadelha (2021), o aluno empreendedor, empresário de si mesmo, é levado a perceber, desde cedo, que tem o destino em suas mãos, pois tudo depende de seus esforços, de sua inteligência, de sua sensibilidade e da capacidade de captar as dinâmicas do mercado, adaptando-se com naturalidade a elas.

Na página seguinte, a atividade encaminha-se para outro foco da questão. Os enunciados apresentados na materialidade da imagem 5 direcionam a discussão para o conhecimento do “perfil do profissional adequado ao mercado de trabalho atual” (Boulos Júnior; Silva; Furquim, 2020, p. 21). A elaboração desse perfil destaca que, com as constantes mudanças ocorridas no mercado de trabalho, exige-se também um novo profissional que precisa ter as seguintes características:

- flexibilidade;
- capacidade de trabalhar em equipe;
- adaptação à inovação tecnológica;
- conhecimento da área que irá atuar;
- visão geral do negócio;
- adaptação a cenários imprevisíveis;
- reflexão sobre as novas formas de remuneração e recompensa;
- coragem de lançar-se a novos desafios e contextos;
- capacidade de trabalhar em rede e de forma colaborativa;
- disposição de somar seu conhecimento ao dos colegas;
- capacidade de estabelecer parcerias;
- investir em formação continuamente (Boulos Júnior; Silva; Furquim; 2020, p. 21).

Nesse enunciado, a posição de sujeito propaga para os jovens a necessidade da aquisição de competências que, reflexionadas em conformidade com os escritos de Dardot e Laval (2016), podem ser entendidas como princípios basilares da racionalidade neoliberal, como a capacidade do profissional ser adaptativo, flexível, lançar-se aos novos desafios e investir em sua formação continuamente. Essas aptidões, segundo o discurso do livro didático, são necessárias para o êxito do novo profissional.

Chama-nos a atenção a maneira como a racionalidade neoliberal adentra a esfera educacional e, por meio do discurso de necessidade de qualificação profissional, conduz o jovem do EM, no que diz respeito à problemática do trabalho, a se preparar para as exigências puramente mercadológicas. Sobre esse aspecto, Martins (2020) frisa que os estudantes, inseridos nesta racionalidade neoliberal, são vistos como clientes, o que confere à educação um status de serviço a ser ofertado pela escola que, nesse contexto, torna-se responsável por preparar o jovem para o mercado de trabalho.

Souza e Ferreira (2020) ressaltam ainda os perigos oferecidos pela articulação dessas condições econômicas à formação dos jovens, pois favorece a exclusão daqueles sujeitos que não se enquadram nos parâmetros exigidos. Ademais, no tocante à incorporação dos jovens ao mercado de trabalho, Han (2018, p. 48) destaca que esse processo é nocivo, pois “o sujeito do regime neoliberal perece com o imperativo da otimização de si, ou seja, ele morre da obrigação de produzir cada vez mais desempenho”.

A exacerbação do sujeito do desempenho parte de um imperativo de constante otimização que não possui limites e “explora até mesmo a dor” (Han, 2018, p. 48), e o sujeito do rendimento deve trabalhar para ser sempre bem-sucedido; o insucesso não é permitido e uma sociedade do rendimento deixa à margem os sujeitos que não produzem, visto que o que move o corpo social é a pressão por rendimento e por performance.

Assim sendo, as análises indicam que, nos livros didáticos, o protagonismo e a autogestão são discursivizados como habilidades essenciais para os jovens do Ensino Médio, destacando a importância da organização pessoal, da gestão do tempo e do trabalho autônomo como competências fundamentais para esses estudantes. Entretanto, como discutido ao longo do estudo, ao priorizar o desenvolvimento dessas habilidades individuais, os livros didáticos acabam refletindo a lógica neoliberal, que valoriza a competição pessoal e a responsabilização do indivíduo pelo seu sucesso e, com isso, predomina um discurso de redução do papel do Estado na garantia de uma educação pública e igualitária.

Conclusão

Os livros didáticos desempenham um papel essencial no processo de ensino e aprendizagem no Brasil, podendo ser compreendido como um gênero discursivo envolto em um processo de elaboração, cadeia de produção, circulação social e propagação de determinados enunciados (Souza; Ferreira, 2020). Nesse sentido, ao dar prioridade a conceitos como empreendedorismo, autogestão e protagonismo juvenil, tal material tende a incutir nos jovens a responsabilidade exclusiva por seu futuro, sem considerar as desigualdades estruturais que limitam suas oportunidades. Nesse contexto, o protagonismo é mormente entendido como uma atitude individual voltada para o sucesso pessoal, alcançado por meio do esforço e da autonomia. Essa perspectiva incute nos estudantes a crença de que o sucesso depende unicamente de sua capacidade de empreender e de sua disposição para superar obstáculos, ignorando, assim, fatores sociais e econômicos que podem restringir o acesso a recursos essenciais para seu desenvolvimento.

As novas configurações educacionais no âmbito do NEM, com a introdução dos itinerários formativos, direcionam os jovens para a ideia de protagonismo juvenil, incentivando-os a se preparar para o mundo do trabalho, escolher a profissão que desejam seguir e construir seu próprio projeto de vida. Esses pilares, estabelecidos pela BNCC, articulam-se ao funcionamento do discurso neoliberal que associa o empreendedorismo à construção de uma carreira de sucesso. Nesse sentido, a concepção de empresariamento de si – que propõe sujeitos empreendedores, trabalhadores produtivos, proativos, competitivos e flexíveis – penetra no currículo do Ensino Médio por meio de estratégias sutis de governamentalidade.

Essa visão, centrada na autodeterminação, alinha-se com as perspectivas neoliberais, que afirmam que o sucesso é, exclusivamente, um reflexo do esforço pessoal. Como aponta Harvey (2005, p. 132), “o neoliberalismo implica que a responsabilidade pelo bem-estar individual recai sobre o indivíduo, desconsiderando as condições sociais, políticas e econômicas que limitam suas escolhas”. Dessa forma, a concepção neoliberal de protagonismo, presente em livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, engendra a produção de saberes que inserem toda a responsabilidade sobre o sujeito, ao mesmo tempo em que não levam em conta a relevância das políticas públicas e o contexto social na formação das possibilidades de cada jovem.

Além disso, o pressuposto de que todos começam a partir de um ponto de igualdade é falaciosa. Como argumenta Piketty (2014, p. 89), “as desigualdades de renda e educação são fatores determinantes para o sucesso de um indivíduo, e a ideia de que o esforço pessoal é a única variável relevante ignora a complexidade das barreiras sociais e econômicas”. Dessa feita, ao circunscrever o protagonismo somente a uma questão de esforço individual, os materiais didáticos estudados contribuem para a perpetuação das desigualdades, apresentando uma realidade idealizada e distante da vivência de muitos jovens que enfrentam contextos socioeconômicos desfavorecidos.

Fontes

BOULOS, Alfredo Boulos; SILVA, Edilson Adão Cândido da; FURQUIM, Laercio. *Multiversos – Ciências Humanas: trabalho, tecnologia e desigualdade*. São Paulo: FTD, 2020.

BRASIL. *Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União, 23 dez. 1996.

BRASIL. *Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017*. Altera as Leis nos 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Diário Oficial da União, 17 fev. 2017.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*: Ensino Médio. Brasília: MEC, 2018.

RAMA, Angela et al. *Prisma – Mundo do trabalho: indivíduo e sociedade*. São Paulo: FTD, 2020.

UNESCO. *Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?* Brasília: UNESCO Brasil, 2016.

Referências

APPLE, Michael Whitman. Repensando ideologia e currículo. In: MOREIRA, Antonio Flávio; TADEU, Tomaz (Orgs.). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez Editora, 2013, p. 49-69.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 2010.

BORGES, Kamylla Pereira; ARAÚJO, Claudia Helena dos Santos. O Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC): instrumentos da razão neoliberal na educação. In: BORGES, Kamylla Pereira; BUENO, Enrico; SANTOS, Neville (Orgs.). *O Novo Ensino Médio, neoliberalismo e políticas educacionais*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024, p. 181-206.

CORTI, Ana Paula. Ensino Médio: entre a deriva e o naufrágio. In: CÂSSIO, Fernando (Org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 47-53.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENAP. Afinal, o que é um think tank e qual é a sua importância para políticas públicas no Brasil? *ENAP*. 04 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3WCYSFp>. Acesso em: 05 nov. 2025.

- FORBES. Como Bill Gates ficou milionário? Conheça o caminho da fortuna. *Forbes*. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/IzPP>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004b.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*: curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população*: curso dado no Còllege de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- G4 EDUCAÇÃO. Mark Zuckerberg. *G4 Educação*. 2025a. Disponível em: <https://abrir.link/aqWWu>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- G4 EDUCAÇÃO. Henry Ford. *G4 Educação*. 2025b. Disponível em: <https://encurtador.com.br/mMkP>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- GADELHA, Sylvio. Empresariamento da sociedade e governo da população pobre. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). *Michel Foucault: o governo da infância*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 345-365.
- GADELHA, Sylvio. Biopolítica e educação: o aluno empresário de si mesmo. In: GADELHA, Sylvio; BESERRA, Bernadete; MOTA, Thiago (Orgs.). *Biopolítica, tecnocultura e educação*. São Paulo: Cambalache, 2021, p. 89-106.
- GOULART, Débora Cristina; CÁSSIO, Fernando. A farsa do Ensino Médio self-service. *Le Monde Diplomatique*. 12 ago. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3JxRrMO>. Acesso em: 22 out. 2025.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.
- HARVEY, David. *A breve história do neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo. 2005.
- LAVAL, Christian. *A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- LOPES, Christiani Bortolo; BORTOLOTO, Claudimara Cassoli; ALMEIDA, Shiderlene Vieira. O Ensino Médio: trajetória histórica e a dualidade educacional presente nas diferentes reformas. *Perspectiva*, v. 34, n. 2, p. 555-581, 2016.
- MANFRÉ, Ademir Henrique. A educação no governo dos corpos: empreendedorismo e projeto de vida. *Revista Cocar*, v.18. n. 36, p. 1-17, 2023.
- MARRACH, Sonia Aparecida. *Infância, educação e neoliberalismo*. São Paulo: Cortez Editora, 1996.
- MARTINS, Steffany Temóteo. *O ensino de Ciências/Química no contexto da Base Nacional Comum Curricular e da reforma do Ensino Médio*. 115f. Mestrado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- MOEHLECKE, Sabrina. O Ensino Médio e as novas diretrizes curriculares nacionais: entre recorrências e novas inquietações. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 49, p. 39-58, 2012.
- NAVARRO, Pedro. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. *Moara*, v. 1, n. 57, p. 8-33, 2020.
- PIKETTY, Thomas. *O capital no século XXI*. São Paulo: Intrínseca, 2014.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2018.
- REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- SEBRAE. O que é uma startup? *Sebrae*. 2019. Disponível em: <https://encurtador.com.br/asaH>. Acesso em: 05 nov. 2025.
- SILVA, Daniel Pinha; GONÇALVES, Marcia de Almeida. Mas, afinal, que sujeito é esse? Dilemas ético-políticos, concepções de democracia e os sujeitos da aprendizagem da BNCC do Ensino Médio. *Educar em Revista*, v. 28, e86015, 2022.

SILVA, Francisco Vieira; BRUNET, Patrícia Diógenes Melo; MOURA, Thâmara Soares de. “O futuro já começou”: a constituição do empreendedor de si em coleções didáticas do Projeto de Vida, do Novo Ensino Médio. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 30, e14253, 2023.

SILVA, Francisco Vieira; MORAIS, Edvânia Batista de. Agenda neoliberal, juventude e trabalho: uma análise discursiva de coleções didáticas do Novo Ensino Médio. *Revista Educação e Políticas em Debate*, v. 11, n. 2, p. 632-651, 2022.

SILVA, Roberto Rafael Dias; ESTORMOVSKI, Renata Cecilia. Projeto de vida e a fabricação de subjetividades monetizáveis: uma crítica curricular ao Novo Ensino Médio no Sul do Brasil. *Espaço Pedagógico*, v. 30, e14363, 2023.

SOUZA, Ester Maria Figueiredo; FERREIRA, Virgínia Maria. Livro didático de Português: apontamentos a partir da teoria dialógica da linguagem. In: ABREU-TARDELLI, Lília Santos; BUNZEN, Clecio (Orgs.). *Livro didático: do contexto aos usos em sala de aula*. Recife: Pipa Comunicação, 2020, p. 131-158.

UNGARI, Diego de Freitas; CÔL, Rafael Maurício. A racionalidade neoliberal e a forma de gestão da biopolítica: o processo de uberização das condições de trabalho nas cidades na era do capitalismo de vigilância. *Prolíngua*, v. 18, n. 1, p. 29-40, 2023.